

Alguns aspectos do fenómeno científico

II

No nosso último artigo tentámos estudar conjuntamente três aspectos correlativos da ciência, encarada ela própria como um problema humano sobre que haviam de estabelecer-se princípios. Des-ajando agora prolongar a nossa análise no terreno histórico, convém lembrar e desenvolver as conclusões a que então chegámos. Estas podemos polarizá-las nos seguintes pontos:

1.º) A ciência apresenta nos, em relação à sociedade, três funções características. Em primeiro lugar, contribuiu para a formação das concepções do mundo em que vivemos e reveste, por isso, um carácter ideológico. Em segundo lugar, desdobra-se em técnicas de toda a ordem que, além de aumentarem, em proporções enormes, o rendimento do trabalho humano, revestem o carácter de forças produtivas e, como tais, agem no complexo social determinante da evolução histórica. Finalmente, o próprio trabalho científico (investigação, formação de quadros técnicos, transmissão de saber) é uma forma de trabalho social produtivo, dependente da forma como as sociedades se organizam no capítulo produção e da forma como dependem, por sua vez, na sua história, da maneira como se organizaram nesse capítulo.

2.º) Por essas razões a ciência é solidária com os outros fenómenos humanos, encontra-se enredada nos limos da nossa existência colectiva e não pode estabelecer-se rigorosamente o seu valor se a isolarmos do ambiente vivo em que se desenvolve.

3.º) A ciência é utilizada pelos proprietários dos meios sociais de produção (quer individualmente, quer colectivamente, por intermédio da orgânica estadual) por ser, ela mesma, um meio de produção. Mas às formas sociais que se baseiam na propriedade dos meios sociais de produção sob a sua forma actual, à fase histórica do lucrativismo, correspondem ideologias determinadas. Para que a ciência exerça eficaz-

mente o seu papel de fornecedora de meios técnicos, é indispensável que obtenha um conhecimento verdadeiro das leis naturais, que a sua compreensão dos fenómenos não tenha em vista deformá-los ao sabôr desta ou daquela ideologia, mas entendê-los na sua realidade. Aqui surge a possibilidade dum conflito: o conflito entre o carácter de verdade implicado pelo saber eficiente, e a inconveniência das conclusões desse saber para as ideologias estabelecidas como próprias de determinada orgânica histórica.

4.º) A ciência, como força produtiva, pode entrar em conflito com as «formas» vigentes da produção excedendo as possibilidades de acção dessas formas. E' o caso, para citarmos apenas um exemplo, da pequena propriedade rural em face do desenvolvimento da moderna técnica de cultivo do solo. E' impossível enquadrar no limitado campo de acção da pequena propriedade os métodos de cultura fundados na utilização dos meios mecânicos de trabalho e que só resultam plenamente quando empregados em grande escala. O mundo moderno fornece ao leitor dezenas de exemplos idênticos e alguns até bem mais decisivos e significativos.

Colocado o problema nestes termos resta-nos caracterizar a evolução do próprio pensamento científico, olhando como imerso na história total do homem. Os fins dessa digressão resumem-se afinal num desejo de melhor documentar a nossa tese, quer na forma geral que lhe demos no número anterior desta revista, quer na forma especial que tentamos dar-lhe nos artigos subsequentes.

O primeiro facto a impressionar-nos é o empirismo ingénuo dos cabouqueiros do saber científico. É conhecido o caso sintomático da maneira como os egípcios tratavam os seus doentes. Estes eram colocados às portas de suas casas e os transeuntes, à medida que iam passando, aconselhavam